



Crônica da Cidade

MARIANA NIEDERAUER | mariananiederauer.df@dabr.com.br

UnB: comunicação, afeto e memória

Viver uma universidade pública é um privilégio e, no caso da Universidade de Brasília (UnB), ele está ao alcance de todos. Não se trata de hipocrisia, muito menos de retórica. A aprovação por meio de vestibulares ou para cargos de professor ou cursos de pós-graduação pode representar um desafio e até mesmo uma impossibilidade em alguns momentos, mas

não é o único caminho para desfrutar do espaço do câmpus que se estende pela Asa Norte ou dos outros três no Gama, em Ceilândia e em Planaltina.

Em projetos de extensão, atendimentos gratuitos à comunidade, fóruns, palestras e ações de conscientização, a universidade é um epicentro de iniciativas com potencial de abraçar a cidade. E o cuidado precisa vir em ciclo: Brasília o deve à UnB assim como a instituição de ensino deve à capital. Os estigmas criados sobre uma e sobre a outra não passam de cortina de fumaça para tentar destruir uma relação edificada de maneira sólida e

rodeada de afetos.

E é justamente essa última sensação que até hoje me desperta a universidade. Andar entre seus corredores e percorrer as calçadas de novos caminhos me traz de volta o sentimento de ser caloura outra vez. Tudo permanece tão igual, mas ao mesmo tempo houve tantas mudanças. A forma como os estudantes se movem por ali, os cartazes nas paredes, as salas e anfiteatros que já passaram por algumas reformas, os canais de divulgação dos trabalhos desenvolvidos em disciplinas de extensão e os resultados de teses e de dissertações.

Voltar à Faculdade de Comunicação tem um gosto ainda mais especial, e pude sentir na última semana, quando aproveitei para conhecer o projeto Livro Livre, uma iniciativa dos alunos com apoio da diretora da FAC, Dione Moura, de quem tive o privilégio de ser aluna. Na última quinta-feira, o projeto, em parceria com o Centro de Documentação (Cedoc) da faculdade, promoveu o Arraiá da Leitura. Quem doava um livro ganhava um doce e ainda podia participar da brincadeira de pescaria típica dos festejos juninos, para incentivar também a doação de obras de literatura infantojuvenil.

A ideia é deixar mais rico o acervo do projeto. Todos os títulos recebidos são catalogados pelo Cedoc e deixados à disposição de quem passa pela área de convivência da FAC, para se sentar e ler — até as crianças. Aliás, a equipe de documentação está desenvolvendo um extenso trabalho de registro dos trabalhos de conclusão de curso, com o objetivo de disponibilizá-los no acervo da Biblioteca Central (BCE). Os mais recentes já constam nesse repositório, mas a ação visa recuperar aqueles produzidos antes da fase de digitalização. Um esforço digno da grandeza da UnB, afinal, afeto e memória andam juntos.

ANIVERSÁRIO DE TAGUATINGA/ Dezenas de bateristas se apresentaram em sincronia, ontem, na Praça do Relógio, em um evento aberto ao público para celebrar a cidade com festa e música. As comemorações começaram em 5 de junho

Harmonia em tributo aos 67 anos

» MARIA EDUARDA LAVOCAT

Quando continuidade às comemorações pelos 67 anos de Taguatinga, a Praça do Relógio foi palco de um espetáculo sonoro protagonizado por 67 bateristas tocando em sincronia, ontem. A apresentação gratuita chamou a atenção de quem passava pela região central da cidade.

A iniciativa é fruto de uma parceria entre a Administração Regional de Taguatinga e a loja Alberto Teclados, especializada na venda de instrumentos musicais e equipamentos de áudio profissional. Segundo Rissa Ramos Costa, sócia-proprietária da loja, a missão do empreendimento vai além da comercialização de produtos, visando também musicalizar o maior número de pessoas possível, seja por meio da venda de instrumentos, seja com projetos sociais e ações que promovam a música na comunidade.

"Hoje é um dia muito especial. Fomos convidados pela Administração de Taguatinga para integrar as comemorações de aniversário da cidade. Pensando nisso, decidimos reunir 67 bateristas tocando juntos, uma verdadeira celebração da música em comunidade", celebra Rissa.

Embora o aniversário oficial de Taguatinga seja comemorado no dia 5 de junho, as festividades se estenderam ao longo de todo o mês. De acordo com Gerson Deveras, servidor da administração da cidade, a proposta foi inspirada em comemorações ao redor do mundo que mantêm programações festivas durante várias semanas. "Tivemos uma agenda extensa, com diversas ações culturais, todas viabilizadas com o apoio e contrapartida de produtores locais", explicou.

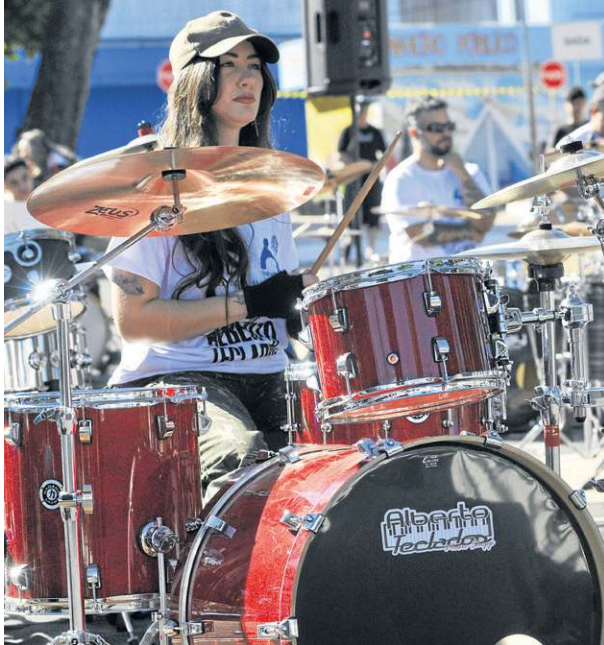
Gerson destacou que o evento vai além da comemoração e também integra o projeto Hora do Lazer, que busca resgatar o espírito da antiga Feira de Arte e Cultura de Taguatinga, onde já se apresentaram artistas como Renato Russo, a banda Akneton e outros nomes da cena musical local.

"A proposta é justamente essa: trazer a comunidade de volta à praça, criando um espaço de convivência com música, cultura, adoção de pets, artesanato e outras atividades", concluiu.

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Sessenta e sete bateristas tocaram em sincronia em homenagem aos 67 anos de Taguatinga



Alexia Loren, 25, foi convidada a participar por um amigo



Guilherme Lemos, 36, toca o instrumento há 22 anos



A organizadora Rissa Ramos comemorou o sucesso



Josivaldo Santos conduziu a apresentação

Participaram tanto músicos profissionais quanto iniciantes. A proposta era justamente unir diferentes níveis de experiência em prol da música e da cidade. No palco, o baterista e professor Josivaldo Santos conduziu a apresentação ao lado do renomado produtor musical Gregory Júnior e do baixista Rodrigo David. Juntos, eles lideraram os demais instrumentistas, garantindo que todos tocassem em perfeita sincronia.

"Estou muito feliz com essa oportunidade. Minha escola de música fica aqui mesmo, em Tagua-

tinga, e estar ao lado de tantos amigos e músicos incríveis, em uma data tão especial, é extremamente gratificante", comemora Josivaldo.

A cantora e compositora Alexia Loren, 25 anos, foi uma das bateristas a participar do evento. Ela conta que recebeu o convite de um amigo que trabalha na loja Alberto Teclados e que faz aulas de bateria com Josivaldo, assim como ela. "Estou começando agora, faz mais ou menos dois meses que comecei a ter aulas. Sempre tentei aprender instrumentos de corda, mas nunca me sentia realmente apta. Com a

bateria, foi diferente, me encontrei de verdade", compartilha.

A jovem conta que a relação com a música e com Taguatinga é antiga. "Desde criança eu canto e sou moradora de Taguatinga, com muito orgulho. Quando era adolescente, vinha sempre à Praça do Relógio, onde rolavam encontros de rap e hip hop. Ver que a praça foi reformada e está recebendo eventos novamente traz uma nostalgia gostosa", diz.

Assim como ela, o jornalista Guilherme Lemos, 36 anos, com- pareceu ao evento por indicação.

Atualmente, Guilherme toca o instrumento há 22 anos. "Achei a proposta do evento muito legal. Sempre tive vontade de participar desse tipo de encontro, e essa foi a oportunidade perfeita", diz.

A paixão pela bateria surgiu ainda na infância: "Sempre gostei de bater e em tudo, mas como morava em apartamento, minha mãe nunca deixou que eu tivesse uma bateria acústica", relembra. Dessa forma, ele passou a fazer aulas, comprou uma bateria eletrônica para estudar, até chegar à tão sonhada bateria acústica.

Laura Morado, 28 anos, contadora, foi ao evento apenas para assistir e prestigiar seu professor de bateria, que estava se apresentando. Junto com a amiga Bruna, ela aprovou o evento.

"Acho muito interessante ver tanta gente reunida: tem participantes de todas as idades, desde iniciantes até músicos mais experientes. A ideia de juntar 67 bateristas para celebrar os 67 anos de Taguatinga é genial. É algo único, que a gente não vê todo dia, e que fortalece a cultura local. Estou adorando", disse.

FESTAS JUNINAS

Quitutes, alegria e devoção em família

» ARTHUR DE SOUZA

Depois de seis dias de muita música, animação e comida boa, a festa junina da Paróquia São Pio de Pietrelcina, no Sudoeste, foi encerrada ontem com o público sem dar sinais de cansaço. A comunidade lotou o espaço, que contava com barracas, brincadeiras, além de um palco em que vários grupos passaram e animaram a multidão.

A família formada pelo servidor público Sérgio de Castro, 40, e a professora Talita de Castro, 37, foi uma das que frequentaram a festa. "Somos paroquianos aqui desde 2014 e participamos da festa junina desde então. Este ano está muito legal e a decoração está cada vez mais linda. Todo ano eles se

superam", contou Talita.

Sérgio destacou a tradição do festejo. "A gente se sente em casa, pois é um ambiente muito acolhedor. Além disso, as comidas são muito gostosas, mas o que me atrai mesmo é o quentão de vinho, fico ansioso durante um ano, esperando para tomar", brincou. "Eu gosto de cachorro-quente e do espetinho", revelou Talita. Já as pequenas Marina, 8, e Alice, 7, fizeram uma lista um pouco maior: "Canjica, cachorro-quente e churros, além da pescaria".

Além delas, o "milagrezinho" também estava curtindo a festa. Ainda tímido, Francesco Pio de Castro, 2, estava no colo do pai, ansioso para comer algo gostoso. O motivo do nome incomum? A própria mãe explica: "Somos muito

devotos de São Pio. Já tínhamos duas meninas, mas queria muito engravidar novamente. Passamos por uma perda gestacional e, depois disso, rezei para São Pio, pedindo para que ele intercedesse com mais um filho e, caso nascesse menino, o nome seria em homenagem a ele. E foi o que aconteceu".

Ambiente familiar

Quem também estava animado era o grupo de amigas formado pela assistente administrativa Andréa Sobrinho, 40, a servidora pública Lorena Sousa, 40, e a secretária executiva Renata Lacerda, 46. Apesar de todas frequentarem a paróquia há vários anos, elas só se conheceram em 2024 e decidiram

Fotos: Arthur de Souza CB/DA Press



As amigas Renata, Lorena e Andréa curtiram o festejo



A família Castro participa da festa junina desde 2014

ir juntas para o festejo neste ano. "É uma alegria muito grande, porque é uma festa que vem crescendo muito, com o apoio da comunidade", avaliou Andréa. "É tudo muito organizado, a comida é boa e sempre tem muita gente", disse Lorena. "É uma bênção, um ambiente muito familiar e que

resgata o sentido da festa junina. É algo muito significativo para todos nós, frequentadores da paróquia, a presença massiva do público", completou Renata.

Com 83 anos de muita energia e disposição, Maria Lúcia Campos, moradora do Sudoeste, também estava curtindo a festa junina.

Frequentadora da paróquia há pouco mais de três anos, ela contou que essa é a sexta igreja que ajudou a construir. "Falei para o padre que só vou morrer quando vir a nossa paróquia de pé. Mesmo com 83 anos, ainda trabalho bastante, na barraca do pastel. Preciso, estou à disposição", garantiu.